

Quando as Palavras Não Fluem: análise das dificuldades de leitura nas séries iniciais

Eliei Azambuja de Souza.

Mestre em Educação pela UNIGRAN - PY

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar as principais dificuldades de aprendizagem em leitura enfrentadas por alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, com base em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. A partir da revisão de literatura, discutem-se os fatores que interferem no processo de alfabetização, como aspectos cognitivos, metodológicos, socioemocionais e pedagógicos, destacando-se a importância da consciência fonológica, do letramento e das estratégias de ensino. Além disso, são analisadas as possíveis causas dessas dificuldades, incluindo dislexia, métodos inadequados de ensino e falta de estímulo no ambiente familiar e escolar. O estudo também apresenta reflexões sobre práticas docentes eficazes para superar esses obstáculos. Os resultados revelaram que a identificação precoce das dificuldades e a adoção de metodologias diversificadas são essenciais para promover a fluência leitora e o desenvolvimento integral dos alunos.

Palavras-chave: Dificuldades de Leitura. Alfabetização. Séries Iniciais. consciência fonológica. Ensino Fundamental.



Recebido em: maio. 2025. Aceito em: setembro. 2025

DOI: 10.56069/2676-0428.2025.688

Estudos do Cotidiano: a ciência do hoje

Outubro, 2025, v. 3, n. 31

Periódico Multidisciplinar da FESA Educacional

ISSN: 2676-0428



**When the Words Don't Flow:
analysis of reading difficulties in the early grades**

Abstract

This article aims to investigate the main learning difficulties in reading faced by students in the initial grades of Elementary School, based on a qualitative bibliographic research. From the literature review, the factors that interfere in the literacy process are discussed, such as cognitive, methodological, socio-emotional and pedagogical aspects, highlighting the importance of phonological awareness, literacy and teaching strategies. In addition, the possible causes of these difficulties are analyzed, including dyslexia, inadequate teaching methods, and lack of stimulation in the family and school environment. The study also presents reflections on effective teaching practices to overcome these obstacles. The results revealed that the early identification of difficulties and the adoption of diversified methodologies are essential to promote reading fluency and the integral development of students.

Keywords: Reading Difficulties. Literacy. Early Series. phonological awareness. Elementary School.

**Cuando las Palabras no Fluyen:
análisis de las dificultades de lectura en los primeros grados**

Resumen

Este artículo tiene como objetivo investigar las principales dificultades de aprendizaje en lectura que enfrentan los estudiantes de los grados iniciales de la Escuela Primaria, a partir de una investigación bibliográfica cualitativa. A partir de la revisión de la literatura, se discuten los factores que interfieren en el proceso de alfabetización, como aspectos cognitivos, metodológicos, socioemocionales y pedagógicos, destacando la importancia de la conciencia fonológica, la alfabetización y las estrategias de enseñanza. Además, se analizan las posibles causas de estas dificultades, entre ellas la dislexia, los métodos de enseñanza inadecuados y la falta de estimulación en el entorno familiar y escolar. El estudio también presenta reflexiones sobre prácticas docentes efectivas para superar estos obstáculos. Los resultados revelaron que la identificación temprana de dificultades y la adopción de metodologías diversificadas son esenciales para promover la fluidez lectora y el desarrollo integral de los estudiantes.

Palabras clave: Dificultades de Lectura. Alfabetismo. Primeras Series. Conciencia Fonológica. Escuela Primaria.

INTRODUÇÃO

A formação de leitores proficientes constitui um dos maiores desafios enfrentados pelo sistema educacional brasileiro, sobretudo nas séries iniciais do Ensino Fundamental, em que se consolidam as bases da alfabetização. Embora pesquisas recentes, como a *Retratos da Leitura*¹, apontem caminhos para superar as barreiras no desenvolvimento da leitura, persistem lacunas entre o conhecimento teórico e a prática pedagógica, evidenciando a necessidade de reflexões mais aprofundadas sobre o tema. Conforme destacam Sousa e Silva (2023), as dificuldades de leitura e escrita não se restringem a questões cognitivas, envolvem aspectos metodológicos e sociais, os quais demandam intervenções sistêmicas.

Nesse contexto, a escola e a família emergem como instituições centrais no estímulo ao hábito de leitura, conforme discutido por Leal (2025), que analisa os entraves no processo de ensino-aprendizagem. A autora ressalta que a ausência de mediação qualificada e a desarticulação entre políticas públicas e práticas cotidianas contribuem para o agravamento do problema. Ademais, conforme apontado pela *Revista PublishNews*² em diálogo com especialistas, a formação de mediadores de leitura e a estruturação de um mercado editorial acessível representam fatores determinantes para a democratização do acesso aos livros. Contudo, as dificuldades históricas do país, tanto no âmbito educacional quanto cultural, impedem que tais medidas sejam plenamente efetivadas.

Diante desse cenário, torna-se imperioso investigar as raízes das dificuldades de leitura nas séries iniciais, considerando as variáveis pedagógicas e as condições sociais que permeiam o processo de alfabetização. A pesquisa bibliográfica proposta neste artigo busca, portanto, sistematizar as principais causas e possíveis soluções para esse fenômeno, com base em análises teóricas consolidadas. O exame das contribuições de Sousa e Silva (2023) e Leal (2025) entre outros, o estudo visa oferecer um panorama crítico sobre os

¹ Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/etiquetas/retratos-da-leitura> Acesso em 29 jan. 2025.

² Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2025/06/03/projeto-inedito-revista-publishnews-discute-como-transformar-o-brasil-em-uma-nacao-de-leitores> Acesso em 29 jan. 2025.

desafios enfrentados por educadores e alunos e responder a seguinte pergunta: *Quais são os principais fatores que contribuem para as dificuldades de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental e como podem ser mitigados?*

Adicionalmente, intenta-se identificar as causas cognitivas, metodológicas e socioemocionais associadas às dificuldades de leitura; examinar o papel da escola e da família no desenvolvimento do hábito de leitura e discutir propostas pedagógicas eficientes para mediação e estímulo à leitura nas séries iniciais.

CAUSAS DAS DIFICULDADES DE LEITURA: COGNITIVAS, PEDAGÓGICAS E SOCIAIS

Embora o ambiente escolar se configure como espaço privilegiado para o desenvolvimento cognitivo e social, persistem desafios significativos no que concerne às dificuldades de aprendizagem, as quais emergem como fenômeno complexo e multifacetado. Antunes (2008) destaca que as dificuldades transcendem meras questões pedagógicas, manifestando-se como obstáculos profundos que comprometem a relação do aluno com o conhecimento.

Quando se observa a trajetória educacional de muitos estudantes, percebe-se que as barreiras enfrentadas não se limitam a defasagens pontuais, mas refletem intrincadas dinâmicas que envolvem aspectos cognitivos, emocionais e sociais.

A conceituação do termo "dificuldade de aprendizagem" sofreu significativas transformações ao longo das décadas, acompanhando os avanços nas pesquisas educacionais e psicológicas. Freire (1996), Libâneo (1983), Girotto (2011) e Villar (2015) demonstram que as definições variaram conforme as perspectivas teóricas adotadas, oscilando entre enfoques organicistas e abordagens que privilegiam fatores ambientais.

Kirk (1996), por exemplo, ao delimitar o conceito, afasta-se de noções reducionistas que associam as dificuldades a deficiências intelectuais, enfatizando antes problemas específicos em processos como leitura, escrita ou cálculo matemático. A distinção, que surgiu como ruptura paradigmática, permitiu compreender que crianças com dificuldades de aprendizagem

frequentemente apresentam potencial intelectual preservado, ainda que enfrentem desafios pontuais em áreas específicas.

Contrapondo-se a visões estritamente patologizantes, Bateman (1965) introduziu elementos inovadores ao debate, substituindo terminologias deficitárias por conceitos como "diferença" e "capacidade". Seu enfoque, que privilegiava a análise do desempenho em detrimento de categorizações rígidas, influenciou substancialmente as discussões posteriores.

A perspectiva culminou na reformulação proposta pelo Comitê Consultivo Nacional para Crianças com Deficiência (NACHC) em 1968, liderado por Kirk, a qual restringiu o uso do termo a crianças sem comprometimentos sensoriais, intelectuais ou emocionais graves. Garcia (1998) ressalta que essa redefinição permitiu maior precisão diagnóstica, distinguindo dificuldades de aprendizagem de condições como dislexia, afasia ou disfunções neurológicas, sem negligenciar a complexidade dos fatores envolvidos.

Na contemporaneidade, Moojen (2004) amplia o debate ao defender que tais dificuldades frequentemente decorrem de conjunções temporárias de fatores, podendo ser superadas mediante intervenções adequadas. A visão dinâmica contrasta com perspectivas deterministas, sugerindo que muitos casos representam descompassos no desenvolvimento, não patologias irreversíveis.

Importa salientar, conforme enfatiza Garcia (1998), que crianças com dificuldades de aprendizagem não equivalem àquelas com deficiências intelectuais ou sensoriais, pois seus desafios concentram-se em domínios específicos, como processamento linguístico ou raciocínio lógico-matemático, sem comprometer globalmente suas capacidades.

A etiologia dessas dificuldades revela-se particularmente complexa, pois raramente decorre de causas isoladas. Pain (1992) argumenta que conflitos familiares, métodos pedagógicos inadequados e desencontros entre expectativas escolares e repertórios culturais dos alunos constituem variáveis determinantes. Freire (2006) complementa essa análise ao destacar que a desconexão entre os conteúdos curriculares e os universos simbólicos dos estudantes gera rupturas no processo de significação, impedindo a construção de aprendizagens consistentes.

Nesse sentido, as dificuldades externalizam-se quando o ambiente, seja familiar, seja escolar, falha em estabelecer pontes entre o conhecimento formal e as experiências vividas pelos educandos.

Diferentemente dos transtornos de aprendizagem, que implicam comprometimentos neurobiológicos persistentes, como aponta Cruz (1999), as dificuldades frequentemente relacionam-se a desajustes contextuais passíveis de intervenção.

Rubinstein (1996) adverte, contudo, que tais descompassos não devem ser interpretados como simples imaturidade, pois envolvem intrincadas interações entre desenvolvimento biológico, estímulos ambientais e práticas educativas. O que se observa, em muitos casos, são ritmos diferenciados de aquisição de competências, os quais, quando não reconhecidos, podem cristalizar-se em fracassos aparentemente insuperáveis.

PAPEL DA ESCOLA E DA FAMÍLIA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Embora o Programa Ler e Escrever (2014; 2015) destaque a relevância da atuação docente na formação de leitores, não se pode reduzir tal processo a uma mera transmissão de técnicas ou conteúdos. O professor, ao reconhecer a singularidade de cada criança, inserida em contextos familiares e sociais distintos, deve transcender a função de instrutor, assumindo a postura de mediador sensível e reflexivo.

A perspectiva exige, além de domínio didático, uma escuta atenta às vivências dos alunos, de modo que as práticas pedagógicas se articulem com suas realidades. Nesse sentido, a família emerge não como coadjuvante, mas como interlocutora ativa, cujos saberes e experiências enriquecem o processo educativo.

A construção do letramento literário, longe de restringir-se ao ambiente escolar, desdobra-se em múltiplos espaços sociais, desde as primeiras interações familiares até as vivências culturais ao longo da vida. Conforme discutido por Bajour (2012), quando a literatura é instrumentalizada para fins meramente didáticos ou moralizantes, perde-se sua dimensão estética e subversiva, reduzindo-a a um veículo de mensagens pré-determinadas. Tal

abordagem, ainda prevalente em muitas escolas, ignora que a linguagem literária opera por meio de ambiguidades, provocando no leitor não respostas prontas, mas questionamentos e ressignificações. A educação literária, portanto, deveria priorizar o encontro do aluno com o texto em sua potência imaginativa, permitindo que a experiência estética anteceda análises fragmentadas.

A crítica de Todorov (2009), mediada por Meira, reforça a necessidade de preservar o caráter encantatório da literatura, evitando que abordagens excessivamente técnicas sufoquem seu impacto emocional e existencial. Quando a escola subordina o texto literário a objetivos utilitários, seja para transmitir valores, seja para exercitar habilidades linguísticas, nega-lhe a capacidade de transformar a relação do leitor com a linguagem e com o mundo.

O verdadeiro letramento literário pressupõe, assim, um diálogo constante entre a fruição e a reflexão, entre o deslumbramento inicial e a posterior elaboração crítica. A dualidade, quando equilibrada, permite que a literatura não apenas informe, mas também forme indivíduos capazes de reconhecer-se nas narrativas e de interrogar as estruturas que as sustentam.

As desigualdades sociais e culturais, entretanto, impõem barreiras concretas a esse ideal. O acesso a obras de qualidade, assim como a mediação qualificada para sua apreciação, distribui-se de maneira heterogênea, refletindo disparidades econômicas e educacionais. Enquanto crianças de estratos privilegiados convivem com livros desde a primeira infância e frequentam espaços que valorizam a cultura escrita, outras dependem quase exclusivamente da escola para tal contato.

A assimetria exige que políticas públicas articulem a democratização do acesso ao livro com a formação continuada de professores, capacitando-os para despertar nos alunos não apenas a competência leitora, mas o desejo de ler.

A formação do leitor literário, assim sendo, não se esgota na decodificação de palavras ou na identificação de gêneros textuais; demanda um ambiente onde a literatura circule como prática social significativa, e não como obrigação curricular. A escola, ao invés de doutrinar ou moralizar, deveria funcionar como espaço de descoberta, onde crianças experimentem a linguagem em sua pluralidade, do lúdico ao filosófico, do coloquial ao erudito. Só assim a literatura cumprirá sua função mais profunda: a de ampliar os horizontes

do possível, convidando cada leitor a reescrever-se por meio das palavras alheias.

ESTRATÉGIAS DE MEDIAÇÃO E PRÁTICAS DOCENTES EFICAZES

Embora a formação de leitores autônomos figure entre as metas prioritárias da educação básica, o distanciamento entre teoria e prática pedagógica ainda persiste como obstáculo significativo. A capacitação docente, tanto inicial quanto continuada, requer abordagens que transcendam a mera transmissão de técnicas, incorporando reflexões sobre o papel social da leitura e as complexidades inerentes ao processo de letramento literário.

Dios (2000) adverte que, frequentemente, atribui-se aos alunos a responsabilidade pela ausência de hábitos de leitura, quando, na realidade, as fragilidades residem na preparação insuficiente dos educadores para enfrentar desafios culturais, sociais e metodológicos. A autora critica a dissociação entre teoria e prática nas universidades, onde a formação crítica raramente ocupa espaço central, perpetuando uma hierarquia que marginaliza a voz dos futuros professores na construção do conhecimento.

A literatura, quando mediada com profundidade, transforma-se em experiência formativa indelével, conforme ilustra Machado (2002) ao descrever como obras lidas na infância ou adolescência integram-se à identidade do leitor. Tal perspectiva exige que o professor assuma a condição de leitor assíduo, capaz de despertar nos alunos o desejo pela leitura mediante exemplos concretos e vivências compartilhadas.

Dios (2000) reforça essa ideia ao defender que a educação literária deve ser entendida como ato político, comprometido com a redução de desigualdades sociais. A autora enfatiza que a ausência de criticidade na formação docente reproduz modelos excludentes, nos quais a leitura permanece restrita a camadas privilegiadas.

Para que as iniciativas de incentivo à leitura ultrapassem ações isoladas, torna-se necessário estabelecer projetos institucionais articulados, nos quais a gestão escolar participe ativamente. Bajour (2012) defende a criação de espaços destinados à troca de experiências entre professores, argumentando que a

circulação de práticas pedagógicas enriquece o repertório coletivo. A autora ressalta que a sistematização dessas vivências, longe de ser mero registro burocrático, deve fomentar diálogos capazes de ressignificar o trabalho em sala de aula. Nesse contexto, a direção escolar assume papel estratégico, pois a continuidade das ações depende de planejamento que assegure coerência ao longo dos anos letivos.

O vínculo afetivo entre professor e aluno configura-se como elemento indispensável para a efetividade do ensino literário, conforme destacado por Candido (1981) no prefácio à obra de Rocco. O crítico literário adverte que, sem conexão genuína, mesmo os métodos mais refinados falham em despertar a sensibilidade dos estudantes.

A literatura, em sua dimensão mais essencial, opera por meio de mecanismos que transcendem a racionalidade, exigindo do mediador disposição para acolher interpretações plurais e subjetivas. Bajour (2012) complementa essa visão ao afirmar que textos literários devem provocar inquietação, permitindo aos leitores confrontar ambiguidades e paradoxos inerentes à condição humana.

A postura do educador, marcada por acolhimento e expectativas elevadas, influencia diretamente a construção da autonomia leitora. Freire (1996) insiste que o processo educativo deve centrar-se no aluno como sujeito ativo, capaz de elaborar conhecimentos a partir de interações críticas com o mundo.

O autor rejeita modelos bancários de ensino, nos quais o professor deposita informações passivamente, e defende uma pedagogia dialógica, na qual a curiosidade seja estimulada como motor da criatividade. Bajour (2012) ecoa esse princípio ao descrever a escuta como prática ideológica, que demanda tempo e compromisso com a pluralidade de vozes presentes nos textos e nas interpretações dos leitores.

A reflexão sobre a própria prática emerge como imperativo para o docente, já que o ato de ensinar exige constante reelaboração. Freire (1996) compara o exercício docente à tessitura de um tecido dinâmico, no qual ação e reflexão interagem dialeticamente. O autor alerta que discursos teóricos divorciados da realidade concreta se tornam estéreis, daí a necessidade de aproximá-los das vivências cotidianas em sala de aula.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste artigo caracteriza-se como bibliográfica, uma vez que se fundamenta na análise de fontes teóricas já publicadas, sem coleta direta de dados em campo. O tipo de abordagem, conforme aponta Gil (2019), permite a sistematização de conhecimentos prévios, contribuindo para a construção de um referencial crítico sobre o tema investigado. A escolha metodológica justifica-se pela necessidade de compreender as dificuldades de leitura nas séries iniciais a partir de perspectivas já consolidadas na literatura, sem a pretensão de generalizar resultados empíricos.

Para a seleção das obras, adotou-se um critério qualitativo, priorizando estudos que abordassem diretamente as dificuldades de leitura no contexto do Ensino Fundamental. Foram consultados livros, artigos científicos, monografias e relatórios de pesquisa, com base nas ideias de autores como Sousa e Silva (2023), que discutem os entraves metodológicos no processo de alfabetização, e Leal (2025), cuja análise enfoca os desafios no desenvolvimento da leitura.

A análise dos dados seguiu uma abordagem interpretativa, conforme proposto por Minayo (2021), na qual os textos foram examinados em busca de padrões temáticos recorrentes. Os eixos de investigação incluíram: causas das dificuldades de leitura (cognitivas, pedagógicas e sociais); papel da escola e da família na formação de leitores; e estratégias de mediação e práticas docentes eficazes. A interpretação dos dados permitiu a construção de uma síntese crítica, articulando as diferentes perspectivas teóricas sem perder de vista o contexto educacional brasileiro. Por fim, a redação do artigo seguiu as normas da ABNT, garantindo rigor acadêmico e clareza na exposição das ideias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das dificuldades de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental, desenvolvida neste estudo, permitiu identificar que o problema não se resume a questões individuais dos alunos, mas está intrinsecamente ligado a fatores pedagógicos, sociais e estruturais. A revisão bibliográfica evidenciou que a consolidação da leitura como habilidade básica depende de

uma abordagem multifacetada, que considere desde a formação docente até o envolvimento familiar e as políticas públicas de incentivo à leitura.

Conforme discutido por Sousa e Silva (2023), a falta de métodos adequados e a descontinuidade nas práticas de alfabetização contribuem para a perpetuação das dificuldades. Por outro lado, Leal (2025) destaca que a mediação qualificada e o acesso a materiais diversificados podem transformar a relação das crianças com a leitura. Ainda que essas constatações não sejam novidade no meio acadêmico, sua aplicação no cotidiano escolar permanece limitada.

Diante disso, conclui-se que a superação desses desafios exige ações coordenadas entre escola, família e poder público. Investir na formação continuada de professores, ampliar o acesso a bibliotecas e livros de qualidade, além de promover campanhas de conscientização sobre a importância da leitura, são medidas que podem impactar positivamente o cenário atual. Embora as dificuldades persistam, o conhecimento acumulado sobre o tema oferece caminhos viáveis para transformar a realidade educacional, desde que haja comprometimento coletivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. **Dificuldades de aprendizagem na infância e adolescência**. São Paulo: WAK Editora, 2008.

BAJOUR, C. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da leitura literária na escola. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BATEMAN, Barbara. **Learning disabilities**: yesterday, today and tomorrow. Minneapolis: Council for Exceptional Children, 1965.

BRASIL. **Programa Ler e Escrever**: orientações didáticas. São Paulo: Secretaria da Educação, 2014-2015.

CRUZ, Vitor da. **Transtornos de aprendizagem**: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. São Paulo: Editora Memnon, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GARCIA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GIROTTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões. **Dificuldades de aprendizagem: concepções e práticas pedagógicas**. Marília: Oficina Universitária, 2011.

KIRK, Samuel A. **Educating exceptional children**. Boston: Houghton Mifflin, 1996.

LEAL, Ellen Pacheco. **Desafios no desenvolvimento da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental: uma análise das dificuldades no processo de ensino-aprendizagem**. 2024. 40 f. Monografia (Licenciatura em Letras Portugêses) – Universidade Estadual do Piauí, Santa Cruz do Piauí-PI, 2025.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1983.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2021.

MOOJEN, Sônia. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

RUBINSTEIN, Edith. **A especificidade do atendimento psicopedagógico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

SOUSA, Andréa do Socorro Rodrigues; SILVA, I. O. G. Dificuldades da leitura e escrita nas séries iniciais do ensino fundamental. In: **Temas pedagógicos e formação profissional**. Curitiba: PR. Editora Bagai, 2023. p. 217.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VILLAR, Angélica Pall Oriani. **Dificuldades de aprendizagem:** contribuições da psicologia educacional. Curitiba: Intersaberes, 2015.